

2

CARIMBADOS PARA A SALVAÇÃO

Texto básico: 2 Timóteo 1. 8, 9

6

PARA LER E MEDITAR DURANTE A SEMANA

- D** Deus escolheu os que não eram nada para que ninguém se glorie (1 Coríntios 1. 28, 29).
S Carimbados desde o princípio para a salvação (1 Tessalonicenses 1. 4; 2Ts 2. 13).
T Para sermos santos e irrepreensíveis e não porque éramos santos! (Efésios 1. 4, 5).
Q Jesus disse: “Por causa dos eleitos que Ele escolheu” (Marcos 13. 20-22).
Q Não por obras, nem por previsão de fé (Romanos 9. 11; 1 Timóteo 1. 9).
S Eleitos para alcançar a salvação (1 Tessalonicenses 5. 9; 2 Timóteo 2. 10).
S A escolha é incondicional, ou seja, sem previsão de obras (Deuteronômio 7. 6, 7; Ef 2. 9).

POR QUE VOCÊ DEVE DAR ESTA LIÇÃO

Professor, por vivermos numa sociedade que dá grande importância aos feitos humanos, a doutrina da *eleição incondicional* é vista com preconceitos. Desde a colonização portuguesa, a sociedade brasileira está acostumada a conquistas e, até mesmo em assuntos referentes à vida eterna, crê-se na participação desbravadora do homem. Mas a Bíblia dá base sólida e suficiente para crermos que Deus tem seus eleitos e a forma de salvá-los não depende de como o homem reage a esta salvação. Não ignoramos que a eleição é para o homem e que, por ser assim, algum tipo de resposta deve ser esperado. Entretanto, toda resposta será sempre efeito da graça no eleito.

OBJETIVO DA LIÇÃO

A idéia é mostrar bíblicamente a *eleição incondicional*. Predestinação significa uma escolha sem levar em conta o mérito humano. Ao final da lição o aluno terá condições de compreender que a fé é efeito, eleição é causa. Que Deus não elegeu com base no que o homem seria no futuro em termos de *fé* e *obras*, mas por causa do seu caráter de amor eterno e imutável.

A LIÇÃO NUMA FRASE

Deus fez um pacto *unilateral* com o homem. É o pacto da graça. É através deste pacto que a salvação é dada ao seu eleito. A base deste plano eterno está no seu *amor* e *bondade* que Ele nos deu sem previsão de obras, porque nada havia em nós para que merecêssemos salvação.

PANORAMA DA PASSAGEM

- 2 Timóteo 1. 8-9 – “*que nos salvou*”. De onde provém tão grande salvação? A resposta de Paulo é: “Não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos” (v. 9). Se quiséssemos acompanhar o manancial da salvação até a sua origem, deveríamos então voltar para trás, através do tempo, em direção à eternidade do passado. As palavras do apóstolo são mesmo: “*antes dos tempos eternos*” e são traduzidas de diversas formas: “*antes do princípio do mundo*”, “*antes do tempo existir*”, ou “*antes de todos os séculos*”. John Stott, *A Mensagem de 2ª Timóteo*, (São Paulo-SP, ABU, 3ª edição, 1989) p. 26. “*E nos chamou com santa vocação*”. Segundo Calvino a vocação é o selo infalível da nossa salvação. Paulo exalta tal vocação a ponto de chamá-la de *santa*. “*Não segundo as nossas obras*”. Agora ele chama a atenção para a fonte, tanto de nossa vocação, quanto de nossa salvação total. Não possuímos obras que sejam capazes de tomar a iniciativa em lugar de Deus, de modo que a nossa salvação depende absolutamente de seu gracioso propósito e eleição. “*Propósito (determinação) e graça*” (Veja-se Ef

1. 11). Ainda que Paulo geralmente use o termo “propósito” no sentido de “o decreto secreto de Deus”, o qual depende exclusivamente dele, o apóstolo aqui, decide adicionar “graça” com o fim de tornar sua tese ainda mais explícita e poder excluir completamente toda e qualquer referência às obras. (...) a salvação nos foi dada pela graça soberana, já que nada fizemos de antemão para merecê-la. João Calvino, *Pastorais*, (São Paulo-SP, Paráclitos, 1998) p. 206-207.

INTRODUÇÃO

Geralmente conhecemos por *selo*, aquele pedaço de papel colado sobre um envelope indicando o pagamento de custo de transporte. Mas há outros tipos de *selagem*, por exemplo, o selo governamental que torna legal um determinado documento a partir do selo do governo. Durante a idade média se popularizou os selos de cera, mas com a chegada do papel foram substituídos pelos carimbos que facilitavam o uso em papel e marcavam propriedade. *Selo* e *carimbo* cumpriam as mesmas finalidades. Através do processo de selagem é possível: 1. Marcar a propriedade e; 2. Indicar o pagamento, garantindo que determinado material chegue no destino. Quando fomos selados para a salvação, seu autor não apenas nos marcou como sua propriedade, mas também providenciou o pagamento garantindo nosso destino eterno.

1. SINAIS DO SELO: PACTO DAS OBRAS E PACTO DA GRAÇA

Deus sempre se relaciona com a humanidade através de pactos. A comunicação com Adão seria marcada com um *pacto de obras*. Ele era constituído de quatro partes: 1. As partes (Deus e Adão); 2. As promessas (vida); 3. Suas condições (perfeita obediência) e 4. Suas penalidades (morte e separação). Mesmo que o termo *pacto das obras* não apareça no relato da conversa de Deus com Adão, é possível notar seus elementos através das afirmações: “*De toda árvore do jardim comerás livremente*” (Gn 2. 16), indicando provisão de bênçãos e “*mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, o dia em que dela comeres, certamente morrerás*” (Gn 2. 17), indicando penalidade. Por isso, promessas seguidas de imposição de condições chamamos *pacto*. A provisão de bênçãos viria pela obediência e o expedir da maldição pela desobediência. Sabemos bem o que aconteceu. Adão deu ouvidos à mentira de Satanás e optou pelo caminho de morte. Adão, como representante direito da raça, não sendo capaz de cumprir o que tinha sido acordado, trouxe morte à posteridade que veio dele por geração ordinária. Mas o próprio Deus providenciou um método de resgate do seu povo eleito e estabeleceu o *pacto da graça*. Neste pacto vemos uma estrutura diferente do *pacto das obras*. Se no das obras havia maldição em face da desobediência, no pacto da graça há bênção a despeito do demérito. Se Adão fracassou, Cristo cumpriu as condições do pacto com sucesso. O próprio Cristo, como representante do povo eleito, traria vida através de uma infalível e perfeita obediência. Por isso Ele é chamado de segundo Adão, tendo obedecido a lei perfeitamente (Mt 5. 17; 1 Co 15. 22, 45, veja-se Rm 5. 12-21).

Enquanto Cristo ainda não tinha vindo em carne (1 Jo 4. 2; 2 Jo 1. 7), o que se deu na dispensação da plenitude dos tempos (Ef 1. 10; Gl 4. 4); sob o Velho Testamento o pacto da graça era administrado através de “promessas, profecias, sacrifícios, circuncisão, o cordeiro pascal e outros tipos e ordenanças entregues ao povo judeu, tudo prefigurando o Cristo que haveria de vir” (Confissão de Fé de Westminster, cap. VII, seção V). Por isso, a salvação a um povo eleito já era possível mesmo sob a velha dispensação, pois “Cristo já era o Cordeiro morto desde a fundação do mundo” (Ap 13. 8) e a “propiciação pelos pecados outrora cometidos” (Rm 3. 25). Desde a viração do dia no Éden, quando Deus foi ao homem (Gn 3. 8) em pecado, até os nossos dias, ninguém mais está em condições de se aproximar de Deus, senão pela provisão de um mediador. Deus sempre vai ao homem através de seu Filho (Jo 14. 6) e, se isto não acontecer, não há qualquer esperança para o pecador.

NÃO HÁ QUEM BUSQUE A DEUS (Rm 3. 11)	
1. Deus busca Abraão quando ainda era idólatra. 2. Deus busca Jacó em Betel quando fugia dos seus erros. 3. Deus busca Moisés enquanto era fugitivo em Midiã. 4. Cristo busca Paulo no caminho de Damasco. 5. Cristo busca os apóstolos enquanto se envolviam com a pesca. 6. Cristo vai a Zaqueu e à sua casa com salvação. 7. É o pastor quem busca as ovelhas e não a ovelha que procura o pastor. 8. Cristo quem procura os perdidos e não são os perdidos que o procuram.	(Gn 12. 1). (Gn 28. 16). (Ex 3. 4). (At 9. 15). (Mt 9. 9; Lc 6. 13). (Lc 19. 5). (Mt 15. 24; 18. 12). (Mt 18. 11).

2. UM PLANO DE SALVAÇÃO GRACIOSO E ETERNO

Por que falamos de *pacto* nesta lição? Não temos como abordar o plano eterno pelo qual somos salvos ignorando que Deus usou as alianças como método de execução de sua salvação. Houve um acordo gracioso entre as pessoas da trindade levando em conta nosso futuro eterno. É possível enxergar atuações específicas das pessoas da trindade na confecção do plano da eleição que são atribuições distintas dos papéis, contudo esta deve ser apenas uma distinção didática, pois os três são um (Jo 17. 22). Os papéis são bem definidos como visto nesta tabela:

O PLANO ETERNO DA REDENÇÃO

Antes dos tempos eternos (Rm 16. 25; Ef 1. 4; (2 Ts 2. 13). 2 Tm 1. 9; 2. 13; Tt 1. 2 Ap 13. 8; 17. 8).	Autoria	Pai “(...) vos escolheu desde o princípio para a salvação”
	Redenção Na plenitude dos tempos (Ef 1. 10; Gl 4. 4; Hb 9. 26)	Filho “Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3. 24).
	Aplicação Na história de vida do eleito segundo (At 11. 21; 18. 8; Jo 3. 5-6; mediante o lavar regenerador e Rm 5. 5).	Espírito Santo “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou renovador do Espírito Santo” (Tt 3. 5).

3. A NATUREZA DO PLANO DA SALVAÇÃO

Tanto coisas visíveis quanto invisíveis (Hb 1. 2; 11. 3) vieram à existência através de um decreto estabelecido na eternidade (Hb 4. 3). Sem perguntar a opinião de qualquer criatura, Deus fez todas as coisas segundo o *conselho da sua vontade* (Ef 1. 5; 9; 11) e para seu próprio deleite (Cl 1. 16). A raça humana, como parte da criação incluída no decreto eterno, nasce com o futuro predestinado, sendo isto uma parte do decreto. Aceitar que Deus exerce domínio sobre o universo criado tem sido facilmente entendido, mas nem sempre se assume com facilidade que Ele também decidiu eleger seres humanos para a salvação.

Além de tratarmos de um plano de salvação estabelecido pelo *decreto eterno*, também falamos de um plano cuja base está no seu *amor e bondade* (Dt 4. 37, 38; 7. 7-8; Rm 9. 11-13; Ef 1. 4-5, 9-11), posto que nada há em nós para merecermos a salvação (Rm 9. 11-13; 2 Tm 1. 9; 1 Co 1. 27-29). Conclui-

se que a eleição divina se baseia somente em Deus e nunca nos atos ou qualidades humanas. Mas se a Bíblia expõe que a base de nossa eleição está no *amor e bondade de Deus*, igualmente sustenta que se trata de uma *base soberana*.

Portanto, sem o entendimento da soberania será impossível entender um Deus que decreta predestinar alguns e outros não. Por isso, veja e estude detidamente o quadro de textos abaixo:

1. Rei dos reis e Senhor dos Senhores	Pv 21. 1; 1 Tm 6. 15; Ap 19. 6.
2. Céus e terra lhe pertencem	Ex 19. 5; Sl 8. 2; 103. 19; 148. 13.
3. As nações são suas	Sl 22. 29; 47. 9; 96. 10; Jr 10. 7; Ml 1. 14.
4. Ele é supremo	Sl 47. 3, 8; 83. 19; 97. 9.
5. Seu reinado é eterno	Sl 10. 16; 29. 10; 146. 10.
6. Sua soberania é universal e absoluta	1 Cr 29. 10-12; 2 Cr 20. 6; Sl 22. 28; 47. 2, 3, 8, 9; 50. 10-12; 72. 8-11; 93. 95. 3-5; 103. 19; 145. 11-13.
1. Deus entregou os israelitas à dureza de seus corações	Sl 81. 12.
2. Deixou as nações nos seus pecados	Hb 14. 16; 17. 30.
3. Entregou as pessoas a seus próprios desejos	Rm 1. 18, 24, 28.

4. O AMOR GRACIOSO É INCONDICIONAL

A eleição (e não a fé) é a base sob a qual se constrói a nossa salvação. A condição para que sejamos salvos têm sua base não apenas na eleição, mas também no amor de Deus. Sendo Cristo o agente deste amor, cujo propósito é atingir seus eleitos (1 Pe 1. 18-20). É interessante notar que há muitos textos bíblicos mostrando que o amor gracioso e soberano está ligado à eleição (Rm 11. 28; Ef 1. 4-5; 1 Ts 1. 4; 2 Ts 2. 13). Se entendermos que Deus elege com base no mérito, será fácil acusá-lo de arbitrariedade; entretanto, o amor gracioso exclui o mérito e salva *incondicionalmente*. Deus não podia exigir condição se toda a raça permanecia caída e culpada. Segundo Hodge, um dos “sentidos do uso do termo *graça* na Escritura é para denotar amor imerecido, ou seja, amor exercido em favor dos que não merecem”.ⁱ É isto que significa *incondicional*. Ou seja, quando não havia nada que motivasse o amor de Deus por nós, Ele resolveu nos amar com base na sua vontade livre e soberana, pois é dito que Ele “nos predestinou (...) segundo o beneplácito da sua vontade” (Ef 1. 5). Aquela “vontade que propusera em Cristo” (Ef 1. 9). João reconhece a natureza deste amor: “*Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus ...*” (1 Jo 3. 1). Perceba que o amor gracioso surgiu primeiramente *extra nos* (fora de nós) e, secundariamente foi aplicado a nós e mudou nossa condição nos tornando filhos. O puritano J. Alleine (1634-1668) disse: “Deus não encontra nada no homem para comover seu coração, mas encontra o suficiente para nausear o seu estômago; Ele encontra o bastante para provocar sua repugnância, mas não encontra nada para despertar seu amor”.ⁱⁱ Obviamente, um amor que procura recompensas deve ser questionado quanto à sua *natureza*. Em outras palavras, se Deus resolve amar procurando retorno ou mérito no homem, logo seu amor é condicional e, sendo assim não é amor gracioso (ou amor que salva), mas uma relação de interesses. Ao contrário, é dito que Deus (1 Jo 4. 9-10, 19; Ef 2. 4-6) nos amou independentemente de nosso amor por Ele, e ainda; quando éramos pecadores (3. 1). E a natureza deste amor é destacada por Jeremias, Cristo e João: 1. Ele é eterno. Não se baseia na fé prevista, pois antes mesmo que houvesse criatura, Ele nos amou e 2. Ele nos atrai (Jr 31. 3; veja-se também Dt 7. 7-8). Mostrando que o pecado nos distanciou tanto de Deus que temos que ser atraídos, deixando claro duas verdades: a) *Nossa fraqueza*, pois é dito que foi Ele quem nos atraiu para si mesmo. b) *A gravidade do nosso pecado* a ponto de ser necessária uma *atração*, tal era a força do pecado em nós e o quanto estávamos agarrados a ele (Jo 12. 32; 6. 44, “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o *atrair*” – o verbo no aoristo aqui também pode ser traduzido por ‘*arrastar, puxar com força*’). Por isso, é impossível que o amor gracioso seja condicionado à resposta humana, pois se nos foi ordenado sofrer por Cristo, não menos é dito que *primeiramente* Ele nos deu a fé e a graça que torna este *padecer* possível (Fp 1. 29). E ainda, uma clara manifestação do amor gracioso de Deus é mencionada por Paulo em Rm 9. 13: “*E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama)*”.

5. O AMOR GRACIOSO É IMERECIDO

A pergunta retórica de Paulo é pertinente para este ponto. “*Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?*” (Rm 11. 35. Leia também Is 40. 13; Jó 41. 11). Nenhum dos benefícios da salvação é dependente dos méritos humanos. Comentando este texto Hodge diz: “Como a tendência e o resultado de todas as visões corretas da doutrina cristã é produzir os sentimentos expressados pelo apóstolo no final deste capítulo, não podem ser bíblicas as que têm a tendência contrária, ou que nos levam a atribuir, em qualquer forma, nossa salvação a nossos próprios méritos ou poderes”.ⁱⁱⁱ O dom da salvação é imerecido porque procede da graça e, tanto o dom (dádiva) quanto a graça nos foram dados sem que nada fosse pedido em troca, porque se fosse pedido algo em troca não seria graça, e sim liberação de favor com base nas obras (Rm 11. 6). *Mérito* é um atributo jurídico voltado àqueles que, de fato e de direito, buscam merecimento em uma lide. De fato, o *mérito do pedido* é um dos requisitos para se considerar a legalidade de uma petição junto ao Juízo. Não existe mérito do pedido para os que foram declarados condenados por seus delitos. Deus resolve doar amor gracioso a pecadores sem *mérito* de fato e de direito, porque mérito exclui a graça e graça exclui o mérito. Paulo diz que “*somos salvos pela graça*” (Ef 2. 8).

Uma das bases de nossa escolha eterna é o amor gracioso e um dos efeitos diretos deste amor é o fato dele ser imerecido. Ou seja, *primariamente*, Deus nos elegeu porque nos amou e, *secundariamente* por causa de nossa miséria foi que nos elegeu, porque se Ele resolvesse eleger *primeiramente* por causa da miséria humana, certamente todos teriam que ser salvos, mas por causa de seu amor livre, sua salvação também se limita àqueles a quem quis amar de forma livre e desimpedida (Rm 9. 19-21).

5. 1. IMERECIDO SIGNIFICA SEM PREVISÃO DE OBRAS

Alguém poderia sustentar que Deus tem uma eleição para aqueles que são bons. Em outras palavras, Deus teria previsto suas obras e, a partir daí, garantido eleger para a salvação. Isto é predestinação? Se é dito “*assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo*” (Ef 1. 4), resta alguma previsão de obras para a salvação? Obviamente este conceito é estranho, porque a eleição e boas obras se excluem mutuamente (Rm 9. 11). Mas fomos eleitos segundo sua determinação e graça, sem a previsão de obras, não se tratando de eleição com base nas obras efetuadas no tempo, mas na eleição feita antes dos tempos eternos (2 Tm 1. 9). Logo, conclui-se que as boas obras não são a base da eleição, mas o seu resultado. Ou seja, “*não segundo nossas obras*” “(...) *para que o propósito de Deus quanto à eleição prevalecesse, não por obras*”, mas segundo aquele que determina e chama graciosamente.

5. 2. COMO DEUS CONHECEU SEUS ELEITOS?

Em Rm 8. 29 é dito: “*Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho (...)*”. Há os que nutrem o raciocínio de que Deus conheceu antecipadamente as obras dos que seriam predestinados. Com base neste conhecimento resolveu elegê-los. Ou seja, segundo o princípio da fé prevista, Deus elege pessoas pelo fato de saber antecipadamente que elas desenvolveriam fé futura. Então a base da eleição está nas obras humanas e não no amor de Deus. Estudiosos dizem que Paulo usa a palavra *conhecer* no Novo Testamento com a idéia do Antigo Testamento, pois *conhecer* no mundo hebreu tinha a idéia de *amar* (Gn 18. 19; Dt 10. 15; Am 3. 2; Ml 1. 2-3; Mt 1. 24, 25; 7. 23; Rm 11. 2). Quando dizemos que conhecemos determinada pessoa, nos referimos à pessoa em si e não, necessariamente, às suas obras. Então o que significa “*Porquanto aos que de antemão conheceu (...) predestinou*”? Significa que Deus *amou* aqueles aos quais escolheu e não amou porque previu que iriam desenvolver fé. Seu amor vem antes de sua escolha. Aos que de antemão *conheceu* (da raiz grega *prognósco* – “*conhecer antecipadamente*”) se refere ao

seu eleito em quem colocou seu coração de amor e graça, sem previsão de fé futura, pois Deus “*não decreta coisa alguma por havê-la previsto como futura, ou como coisa que havia de acontecer em tais e tais condições*” (CFW, III, 2, 5). “A predestinação inclui a determinação divina de que a pessoa receberá o chamamento eficaz, e isso não está alicerçado no conhecimento que Deus tem de como as pessoas reagirão diante do evangelho” (Bíblia de Genebra, p. 133l).

CONCLUSÃO

O amor para a salvação só pode ser verdadeiro se é incondicional. Na relação humana manchada pelo pecado, vez por outra o amor se dá numa relação de troca interesseira e materialista. Já o verdadeiro amor não olha o objeto a ser amado, mas; não se importando com seus defeitos, o ama como ele é. Este é o amor de Deus. É amor sem pedir nada em troca, pois amor para a salvação que impõe condições é estranho à teologia bíblica. Trata-se de um amor eterno (eleição) que destaca, ou carimba o eleito para atingir a salvação no curso de sua vida terrena.

APLICAÇÃO INDIVIDUAL

Você tem sido grato por ter sido *destacado* (distinto) para a salvação antes da contagem cronológica dos tempos? A doutrina da eterna vocação serve de conforto diante dos perigos, dificuldades e da pressão social de nosso tempo, à semelhança da experiência vivida pelo pastor Timóteo quando foi confortado sobre tão grande salvação absolvendo os males que suportou no mundo.

ELEIÇÃO INCONDICIONAL Tito 3. 5-7		
BASE	O QUE HAVIA EM NÓS?	QUAIS OS EFEITOS?
DEUS ATIVO	O HOMEM MORTO	O HOMEM PASSIVO
<i>O Deus gracioso</i> Se manifestou Com benignidade Amor para com todos Segundo sua misericórdia Ele nos salvou.	<i>não por obras de justiça</i> Éramos ignorantes, desobedientes, desgarrados, escravos das paixões e dos prazeres. Vivíamos na malícia e na inveja, odiosos e odiando- nos uns aos outros.	nos lavou com regeneração feita pelo Espírito Santo. Que derramou ricamente. Fomos justificados por graça Nos tornamos herdeiros da vida eterna.

ⁱ Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, (São Paulo-SP, Hagnos, 2001), p. 749.

ⁱⁱ J. Alleine, *Um Guia Seguro Para o Céu*, (São Paulo-SP, PES, 1987), p. 22.

ⁱⁱⁱ Geoffrey B. Wilson, *Romanos*, (São Paulo-SP, PES, 1981), p. 174.